



SEMINÁRIOS DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS 2016
I Seminário de Estudos Estratégicos do Comando Militar do Sul
III Seminário Brasileiro de Estudos Estratégicos Internacionais
IV Seminário Casas de União
18, 18, 20 e 21 de outubro
Porto Alegre/RS, Brasil

PEARL HARBOR E MIDWAY: ANÁLISE DOS EQUÍVOCOS ESTRATÉGICOS E OPERACIONAIS DO ALMIRANTE YAMAMOTO ISOROKU

Bruno Magno¹

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar as decisões estratégicas e operacionais japonesas durante II Guerra Mundial a partir de 1941, mais especificamente o impacto dos resultados de Pearl Harbor e Midway no esforço de guerra japonês. Parte-se da seguinte pergunta de pesquisa: por que essas operações representariam um grave equívoco estratégico e operacional por parte do Japão durante a Guerra do Pacífico? A partir de uma abordagem histórico-analítica, sustenta-se por hipótese, que a execução dessas operações representou um descolamento dos objetivos políticos e militares da guerra no processo decisório japonês.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo analisar as decisões estratégicas e operacionais japonesas durante II Guerra Mundial a partir de 1941, mais especificamente o impacto dos resultados de Pearl Harbor e Midway no esforço de guerra japonês. Estas duas campanhas são centrais para compreender e analisar o processo que levou à expansão da guerra sino-japonesa em 1941, com a consequente entrada dos aliados na guerra, e o seu desfecho. Devido ao impasse da guerra no continente e ao embargo imposto pela Liga das Nações, o Japão iniciou a conquista da chamada “Zona de Recursos Sul”, no período composto por territórios colonizados por Reino Unido, EUA e Países Baixos.

Esses eventos abrem mais dois teatros de operações na guerra, Sudeste Asiático e Pacífico, tornando a Ásia parte do grande cenário da II Guerra Mundial. Levando-se em consideração as grandes perdas decorrentes da batalha de Midway, considerada o ponto de virada da guerra, parte-se da seguinte pergunta de pesquisa: por que essas operações representariam um grave equívoco estratégico e operacional por parte do Japão durante a Guerra do Pacífico?

¹ Mestrando do Programa de Pós Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEEI-UFRGS). brunomgn@gmail.com



SEMINÁRIOS DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS 2016
I Seminário de Estudos Estratégicos do Comando Militar do Sul
III Seminário Brasileiro de Estudos Estratégicos Internacionais
IV Seminário Casas de União
18, 18, 20 e 21 de outubro
Porto Alegre/RS, Brasil

Estas duas operações foram baseadas pela lógica da preempção, visto que o seu objetivo era obter uma vitória decisiva que inviabilizasse uma resposta da marinha estadunidense. A partir de uma abordagem histórico-analítica, sustenta-se por hipótese, que a execução dessas operações representou um descolamento dos objetivos políticos e militares da guerra no processo decisório japonês. No nível estratégico foram desconsiderados os principais objetivos do Japão, ou seja, o bloqueio à China e o término da guerra no menor prazo possível. Entretanto, o resultado foi a criação de uma nova frente de guerra contra um novo beligerante, os EUA. Nos níveis operacional e tático, a opção por engajar em Pearl Harbor e Midway desconsiderou a doutrina baseada na experiência de guerra na China. No caso de uma eventual confrontação com os EUA, tal doutrina envolveria o emprego da aviação naval baseada em terra e a resistência da marinha imperial na região das Marianas.

Para atingir os objetivos propostos utiliza-se bibliografia referente a estas campanhas e da perspectiva do Capitão de Mar e Guerra da marinha estadunidense Wayne Hughes para demonstrar o consequente descolamento do planejamento das campanhas de Pearl Harbor e Midway da doutrina da Marinha Imperial do Japão. Este descolamento demonstra-se em um primeiro nível pelo abandono da doutrina formulada a partir da experiência de guerra na China e em uma segunda instância pelo fato destas duas campanhas no Pacífico não auxiliar ou se relacionar com o cumprimento dos objetivos estratégicos japoneses em terra.

CONTEXTO ESTRATÉGICO

Ao fim de 1938, os japoneses haviam ocupado a região mais povoada e economicamente importante da China, onde haviam organizado governos colaboracionistas e mantinham mais de 600 mil homens no país (ROTTMAN, 2005, p. 8). Em 1938, 50% da população chinesa e 90% das indústrias estavam sob o controle dos japoneses (KOENIG, 1977, p. 13). A tática de retirada lenta para as montanhas do centro da China — ganhar tempo em troca de espaço (WILSON, 1982, p. 88–89) — fez Jiang Jieshi sacrificar os melhores soldados e quase todo o equipamento de seu exército (KOENIG, 1977, p. 13), além de desgastar a economia e lentamente perder o apoio popular para o seu regime e seu esforço de guerra. Ainda em 1938, foi finalizada a Estrada da Birmânia, como forma de garantir a



SEMINÁRIOS DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS 2016
I Seminário de Estudos Estratégicos do Comando Militar do Sul
III Seminário Brasileiro de Estudos Estratégicos Internacionais
IV Seminário Casas de União
18, 18, 20 e 21 de outubro
Porto Alegre/RS, Brasil

chegada do auxílio externo para as forças chinesas (ROBERTS, 2012, p. 341). Os japoneses, por sua vez, já não conseguiam se beneficiar da expansão do seu território: ao contrário, a guerra na China tornava-se um “atoleiro” (PAINE, 2012, p. 137–138).

O chefe do Estado-Maior e o ministro do Exército japonês haviam prometido ao Imperador a subjugação da China em dois ou três meses. Contudo, já havia se passado mais de um ano de combates e não haviam conseguido finalizar a guerra, embora já ocupassem as principais zonas estratégicas (KERSHAW, 2008, p. 137). O Guomindang recebia empréstimos estadunidenses e ajuda da aviação da União Soviética, recebendo ainda suprimentos através de um corredor que ligava Chongqing à Birmânia, então território inglês. Enquanto isso, nas áreas ocupadas, o PCCh coordenava guerrilhas que lutavam contra a ocupação (DAVID, 2009, p. 283; KRIEG, s.d., p. 86–87; VISENTINI, 1998, p. 79).

Já ao final de 1938, os recursos japoneses estavam sobrecarregados no conflito. Cerca de 40% do total de suas tropas encontrava-se lutando em solo chinês, com baixas estimadas em cerca de 62 mil (KERSHAW, 2008, p. 137). A violência das tropas de ocupação somente fortaleceu a resistência chinesa, especialmente da parte dos guerrilheiros e comunistas, como se percebe na Ofensiva dos Cem Regimentos, de 1940 (DAVID, 2009, p. 283). Os esforços foram intensificados e adotou-se uma estratégia de destruição maciça, baseada no uso irrestrito da violência contra a população civil. Isso só fez mobilizar ainda mais esforços japoneses, cujo governo passa a se referir a uma “guerra santa” ou a uma “mobilização espiritual da nação” (KERSHAW, 2008, p. 135–136).

O Japão encontrava-se incapaz de vencer a China completamente e tampouco de se retirar de lá, deteriorando ainda mais as relações com os EUA e tornando a situação ainda mais crítica, já que careciam de matérias-primas importadas desse país (REIS; PEZZI; MAGNO, 2012, p. 122). A única chance de melhora nas relações com os EUA seria a capitulação na China. Como afirma Ian Kershaw:

A China continuava sendo, portanto, o pivô do caso. Enquanto a guerra com a China continuasse, os recursos naturais e as capacidades humanas do Japão continuariam sendo exigidas ao máximo. E a deterioração das relações com os Estados Unidos colocava uma séria ameaça ao fornecimento de petróleo e da sucata de metal, necessários para dar continuidade à guerra. Mas enquanto o Japão continuasse aferrado a suas conquistas e dominação territoriais, não poderia haver um fim para a guerra, e, portanto, nenhuma melhoria nas relações com os Estados Unidos e



SEMINÁRIOS DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS 2016
I Seminário de Estudos Estratégicos do Comando Militar do Sul
III Seminário Brasileiro de Estudos Estratégicos Internacionais
IV Seminário Casas de União
18, 19, 20 e 21 de outubro
Porto Alegre/RS, Brasil

nenhuma diminuição da ameaça contínua às suas matérias-primas (KERSHAW, 2008, p. 140).

Desse modo, o principal objetivo estratégico dos japoneses era cortar as linhas de suprimento e o apoio internacional ao regime de Jiang Jieshi. Em junho de 1940, o Japão demandou que os britânicos fechassem a Estrada da Birmânia, de modo a isolar a China. A demanda foi aceita por um período de três meses, até setembro de 1940, quando após obter autorização da França de Vichy, o exército japonês ocupou a porção norte da Indochina. O avanço japonês era facilitado pelas rápidas vitórias que a Alemanha obtinha na Europa, levando França e Reino Unido a priorizar o conflito na sua própria região.

Em fins de setembro, os japoneses assinaram o Pacto Tripartite com Alemanha e Itália, que, apesar de implicitamente voltado contra os Estados Unidos, também privava a China de seus dois maiores parceiros militares no período. Como resposta, em outubro de 1940, os estadunidenses proibiram a exportação de sucata e combustível para aviação aos japoneses e os britânicos reabriram a Estrada da Birmânia (BELL, 2011, p. 63). O ataque alemão à União Soviética, em junho de 1941, lançou um dilema no pensamento estratégico japonês: denunciar o acordo de neutralidade estabelecido dois meses antes e forçar os soviéticos a uma luta de frente dupla contra alemães e japoneses ou respeitá-lo e preparar o terreno para uma nova expansão rumo ao sul, especialmente às colônias neerlandesas do sudeste asiático, ricas em recursos como petróleo. Apesar de o arquiteto desses acordos, o Ministro de Relações Exteriores à época Yosuke Matsuoka, ser um grande defensor da ofensiva contra a URSS, optou-se pela ofensiva à zona de recursos sul. Essa decisão demonstrava não só a necessidade premente por recursos, mas também a prioridade em se cortar a linha de suprimentos chinesa e finalizar a guerra.

Em julho de 1941, após refutar a possibilidade de atacar a União Soviética, a Conferência Imperial japonesa decidiu-se pela expansão ao sul. Após receberem autorização da França de Vichy, tropas japonesas ocuparam a metade restante da Indochina Francesa. Este território, em conjunto com Taiwan, serviu de base para as operações das ofensivas no sudeste asiático. Ainda em julho, os estadunidenses congelaram todos os ativos japoneses em seu país. Em setembro, foi decretado o embargo total sobre a venda de petróleo. Os japoneses



SEMINÁRIOS DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS 2016
I Seminário de Estudos Estratégicos do Comando Militar do Sul
III Seminário Brasileiro de Estudos Estratégicos Internacionais
IV Seminário Casas de União
18, 18, 20 e 21 de outubro
Porto Alegre/RS, Brasil

perceberam a gravidade da situação, uma vez que seu estoque de petróleo poderia durar menos de dois anos (KERSHAW, 2007, p. 400).

Em nenhum momento, entretanto, fica claro que a guerra entre Japão e Estados Unidos era inevitável. Os dois lados ainda buscaram negociar, no entanto, em dado momento as demandas tornaram-se irreconciliáveis. Mesmo após os embargos impostos pelos EUA ao Japão, os japoneses poderiam garantir outras fontes de recursos sem entrar em guerra contra os estadunidenses. A postura de inevitabilidade, argumenta Record (2009, p. 57):

Não fossem os ataques a Pearl Harbor e às Filipinas, Roosevelt teria achado extremamente difícil, talvez impossível, de convencer o eleitorado americano a ir à guerra contra o Japão, e os japoneses teriam ido assegurar os recursos do resto do Sudeste Asiático sem atrair a ira armada dos Estados Unidos. Ao final do verão de 1941, entretanto, a maioria dos líderes japoneses vieram a considerar a guerra contra os Estados Unidos como inevitável (RECORD, 2009, p. 57, tradução e adaptação nossa).

Entretanto, após o período do governo por assassinio e do golpe do incidente de fevereiro de 1936², a política externa e o processo de tomada de decisões foi completamente securitizado e permeado pela disputa política das Forças Armadas Imperiais. A política nacional estava refém das demandas de objetivos militares, desassociando-se das finalidades políticas do Estado japonês. Dessa forma, alternativas que não recorressem ao uso da força foram preteridas e o uso da diplomacia tornou-se ineficaz. A única solução admissível para os comandantes militares japoneses era o cumprimento total dos objetivos militares japoneses.

E por que somente agora entravam os Estados Unidos na guerra? Se de fato era do interesse estadunidense a manutenção da integridade territorial da China, por que foi permitido o desmembramento e ocupação desse país? Na realidade, Roosevelt, assim como seu antecessor, Hoover, não queria arriscar um conflito com o Japão. Sanções econômicas, como sugeriam Stimson e alguns outros setores estadunidenses, eram vistas como impraticáveis em meio à depressão. Os diplomatas dos EUA em Tóquio acreditavam que

² Entre 1930 e 1935 ocorreram cinco tentativas de golpe perpetradas por oficiais do exército acompanhadas por tentativas e assassinatos de Ministros e políticos. O ápice desta disputa foi a tentativa de golpe conhecida como o Incidente de 26 de Fevereiro de 1936. Nesta data cerca de 1500 militares em Tóquio ocuparam a sede do governo e tentaram ocupar o Palácio Imperial, além de atentarem contra a cúpula do gabinete e do conselho privado do Imperador, sucedendo no assassinio de dois ex-premiês (MAGNO, 2015, p.44).



SEMINÁRIOS DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS 2016
I Seminário de Estudos Estratégicos do Comando Militar do Sul
III Seminário Brasileiro de Estudos Estratégicos Internacionais
IV Seminário Casas de União
18, 18, 20 e 21 de outubro
Porto Alegre/RS, Brasil

sanções só inflamariam o Japão ainda mais contra a China. Além disso, Roosevelt acreditava, e tinha fortes razões para tanto, que a opinião pública seria contra uma guerra contra o Japão. Provas disso são manifestações no Congresso e no Senado contra o envolvimento na guerra no Oriente. Até 1941 os EUA manteriam como política para a situação uma retórica baseada na Política de Portas Abertas, no fornecimento de ajuda militar para Jiang Jieshi e na manutenção de uma paz precária com o Japão (SCHULZINGER, 1990, p.162).

Dessa forma, em 1941 foi declarada guerra contra os EUA, Reino Unido e Países Baixos. O objetivo principal é a conquista da chamada área de recursos sul (que compreendia o sudeste asiático) e criar um perímetro defensivo no Pacífico. Nesse momento a aviação naval é utilizada com extremo sucesso, com a utilização de bombardeiros Mitsubishi G4M na destruição da Frota Z do Reino Unido na costa da Malásia, a interdição das Filipinas a partir de Taiwan e na estreia da kido butai no ataque surpresa a Pearl Harbor. O sucesso avassalador das primeiras operações deu a Isoroku Yamamoto, comandante da Frota Combinada e maior entusiasta da ênfase na aviação naval, grande peso nas decisões estratégicas e operacionais da MIJ no Quartel General Imperial (QGI).

DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO E DOUTRINÁRIO

Entre 8 de dezembro³ de 1941 e 8 de maio de 1942 as forças do comando combinado das potências ocidentais na Ásia (ABDACOM⁴) haviam sido varridas do mapa. O Japão tinha conquistado a Birmânia, Malásia, Cingapura, Índias Orientais Holandesas (Indonésia), Hong Kong, Filipinas e outras ilhas no Pacífico Ocidental. Em apenas cinco meses, de Pearl Harbor à rendição nas Filipinas, quase 100 anos de domínio colonial ocidental no leste e sudeste da Ásia haviam caído por terra.⁵ O Japão havia garantido os recursos das ilhas indonésias e

³ Devido ao fuso horário 8 de dezembro na Ásia e 7 de dezembro no Havaí (EUA).

⁴ American-British-Dutch-Australian Command.

⁵ À época, intelectuais japoneses defendiam e disseminavam o pan-asianismo, o qual foi apropriado pelos militares como propaganda para justificar a liderança regional do Japão na Ásia-Pacífico (SAALER, 2007, p. 12-14). O ideal teve uma aplicação diversificada nas ex-colônias ocupadas por forças japonesas e mesmo em colônias onde não houve presença nipônica. Notadamente, na Indonésia e na Índia havia fortes movimentos anticoloniais pan-asianistas, os quais nutriam simpatia pelo Japão. Com efeito, Sukarno, líder indonésio e herói da independência do país, chegou a lutar dentro do Japão na Batalha de Imphal e Kohima. Já Chandra Bose, indiano, obteve apoio japonês na organização do exército nacional da Índia (HOTTA, 2007, p. 62).



SEMINÁRIOS DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS 2016
I Seminário de Estudos Estratégicos do Comando Militar do Sul
III Seminário Brasileiro de Estudos Estratégicos Internacionais
IV Seminário Casas de União
18, 18, 20 e 21 de outubro
Porto Alegre/RS, Brasil

fechado a rota de suprimentos da estrada da Birmânia, granjeado apoio das elites nacionalistas locais, viabilizando uma possível futura coalizão, que resultaria na malfadada Esfera de Co-prosperidade do Grande Leste Asiático.

O sucesso dessa ofensiva deu-se em grande parte pelas inovações militares do exército em termos de guerra na selva, no caso da conquista da Malásia e Cingapura, mas especialmente das inovações empregadas pela marinha japonesa. Após as batalhas de Pearl Harbor, Mar do Sul da China, do Mar de Java e de Colombo nenhuma marinha ocidental patrulhava as águas do leste e do sudeste asiático. O elemento decisivo nessas batalhas foram as inovações doutrinárias e tecnológicas no que tange a aviação naval.

O responsável pelas inovações, tanto tecnológicas quanto doutrinárias, foi o Almirante Yamamoto, comandante da Frota Combinada⁶ durante a guerra do Pacífico. Tudo começou com a fundação do Departamento de Aviação Naval e, em 1932, e a criação do Sistema de Protótipos e do Arsenal Aeronaval de Yokosuka. O departamento, chefiado pelo então contra-almirante Yamamoto Isoroku, havia desenvolvido um plano para garantir a autossuficiência do país nesse campo através da integração entre o Estado e as empresas (EVANS; PEATTIE, 2012, p. 304), uma espécie de complexo industrial militar japonês.⁷

Os primeiros frutos dessas iniciativas surgiram em meados dos anos 1930. Os dois casos mais destacados são o do caça Mitsubishi A5M “Claude” e do bombardeiro Mitsubishi G3M “Nell”. O caça Mitsubishi A5M “Claude”, lançado em 1935, era rápido e leve, o que lhe dava excelente manobrabilidade, refletindo a prioridade no combate contra caças, além de poder ser embarcado. O bombardeiro de longo alcance baseado em terra já era, no começo da década de 1930, uma das prioridades de Yamamoto. Ele tinha um alcance de mais de 3.700

⁶ A Frota Combinada, *rengo kantai*, era o principal componente da Marinha Imperial Japonesa para operações em alto mar. Até 1933, ela não era uma organização permanente, mas sim uma força temporária *ad hoc*. Após o início da 2ª Guerra Sino-Japonesa, institucionalizou-se a Frota Combinada e, ao final dos anos 1930, ela incluía a maioria das belonaves do Japão.

⁷ No Sistema de Protótipos, havia uma espécie de divisão do trabalho entre o Departamento de Aviação Naval e as empresas nacionais. O Departamento dava as especificações e promovia a concorrência. A empresa que oferecesse o protótipo que melhor atendesse às especificações ganhava o contrato para produzi-lo e fornecê-lo à aviação naval. Assim, a Marinha organizava o processo produtivo e conduzia grande parte da pesquisa e as empresas se encarregavam da maior parte da produção (EVANS; PEATTIE, 2012, p. 303–304). O Arsenal era o responsável pelos testes básicos de segurança das aeronaves. Depois disso, os protótipos seguiam para o Grupo Aeronaval de Yokosuka, responsável pelo teste das capacidades de combate e adequação para o uso em porta-aviões (EVANS; PEATTIE, 2012, p. 303).



SEMINÁRIOS DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS 2016
I Seminário de Estudos Estratégicos do Comando Militar do Sul
III Seminário Brasileiro de Estudos Estratégicos Internacionais
IV Seminário Casas de União
18, 18, 20 e 21 de outubro
Porto Alegre/RS, Brasil

km, atingia velocidade de cerca de 370 km/h e podia carregar 800 kg em bombas (EVANS; PEATTIE, 1997, p. 310).

Tanto o A5M quanto o G3M foram muito bem-sucedidos na campanha aérea na China a partir de 1937. Para Francillon, a entrada em operação do A5M foi um dos fatores que permitiram à aviação naval japonesa obter superioridade aérea na Campanha da China (FRANCILLON, 1970, p. 344).⁸ A Marinha japonesa foi responsável pela maior parte das operações aéreas no continente até 1941. Como resultado, o seu braço aéreo ganhou progressivo protagonismo e desenvolveu-se a doutrina do bombardeio de longa distância escoltado por caças, com grande ênfase na concentração e na massa, utilizando-se tanto da aviação baseada em terra quanto dos porta-aviões (PEATTIE, 2001, p. 124). O Japão foi o primeiro país a adotar essa doutrina, incorporada pelos Aliados somente em 1943, e que foi fundamental para a vitória retumbante das ofensivas de 1941–1942 contra o ABDACOM (PEATTIE, 2001, p. 124–125).

A partir da inovação doutrinária da aviação naval na China, o Japão concebe dentro da Frota Combinada, em janeiro de 1941⁹, a 1ª Frota Aérea, que consistia em uma única força de aviação de 474 aeronaves embarcadas nos sete porta-aviões japoneses.¹⁰ O conjunto dessas forças ficou conhecido como *kido butai* ou força tarefa de ataque. O conceito era utilizar o potencial da massa e da concentração de forças tanto em terra quanto nos porta-aviões, a *kido butai* nunca foi imaginada atuando em operações isoladas como Pearl Harbor e Midway (EVANS; PEATTIE, 2012, p. 349).

Entretanto a inovação trazida pelo torpedo aéreo Type 91, que permitia o seu disparo de uma altitude de 50 a 100 metros, permitiu que bombardeiros embarcados adquirissem a capacidade de engajar contra elementos de superfície mesmo em águas rasas, teoricamente

⁸ O célebre Mitsubishi A6M Zero, comissionado em 1940, sucessor do A5M, foi desenvolvido conforme especificações oriundas da experiência de guerra na China. A partir desse momento, a Força Aérea Chinesa não teve mais condições de realizar operações defensivas contra os japoneses e sua Força Aérea em meados de 1941 teria sido completamente destruída (PEATTIE, 2001, p. 119, 124). Da mesma forma, o G4M foi comissionado no mesmo ano, incorporando melhorias advindas da experiência de combate do G3M na China.

⁹ Este é um desenvolvimento da concepção do almirante Ozawa Jisaburo, que propôs a criação das frotas aéreas, ou seja agrupamentos aéreos embarcados e baseados em terra dentro de uma única estrutura de comando (EVANS; PEATTIE, 1997, p. 349).

¹⁰ No momento de seu comissionamento a 1ª Frota Aérea consistia na mais poderosa aglomeração de poder aéreo naval do mundo (EVANS; PEATTIE, 2012, p. 349).



SEMINÁRIOS DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS 2016
I Seminário de Estudos Estratégicos do Comando Militar do Sul
III Seminário Brasileiro de Estudos Estratégicos Internacionais
IV Seminário Casas de União
18, 18, 20 e 21 de outubro
Porto Alegre/RS, Brasil

dispensando o uso dos bombardeiros baseados em terra (PEATTIE, 2001, p. 144). Dessa forma tornou-se possível a concepção da Operação Z, o ataque a Pearl Harbor, que ao contrário das outras batalhas navais do período¹¹, consistiu em ataque surpresa desferido pela *kido butai* de forma independente.

Em fins dos anos 1920, problemas orçamentários e a limitação da tonelagem dos porta-aviões levariam à construção de um novo porta-aviões pequeno (EVANS & PEATTIE, 1997, p. 318). O resultado foi o Ryujo, comissionado em 1931. Com cerca de 8.000 toneladas e podendo transportar 24 aeronaves, considerou-se que era muito pequeno. Após a construção de um segundo hangar, o porta-aviões teve problemas de estabilidade e passou por modificações estruturais em duas oportunidades, em 1934 e 1936 (STILLE, 2005, p. 14; EVANS & PEATTIE, 1997, p. 318, PARSHALL, online). Depois disso, o Ryujo viria a ser utilizado de forma bem-sucedida para cobertura de operações em terra no começo da guerra no Pacífico (RUTHERFORD, 1978, p. 59; PARSHALL, online; STILLE, 2005, p. 15).

O Soryu foi comissionado em 1937. Inicialmente misto de cruzador e porta-aviões, tinha cerca de 18.000 toneladas e podia transportar entre 60 e 70 aviões (EVANS & PEATTIE, 1997, p. 318; STILLE, 2005, p. 16). O Hiryu foi comissionado em 1939, tinha cerca de 20.000 toneladas e podia transportar pouco mais de 70 aviões (EVANS & PEATTIE, 1997, p. 318; STILLE, 2005, p. 16).

Em 1934, o Japão anunciou sua retirada do sistema de tratados navais – o que viria a se formalizar em 1936. Em 1937, o Japão lançou o Shokaku e o Zuikaku, da classe Shokaku. Eles eram o estado-da-arte dos porta-aviões. Contavam com blindagem, espaço e pista maiores que seus antecessores e, por essa razão, ambos tinham aproximadamente 30.000 toneladas e podiam transportar consigo 72 aviões e mais 12 aeronaves de reserva cada (STILLE, 2005, p. 17-18; COMBINED FLEET, online).

Por fim, o Japão tinha a “frota fantasma”, ou seja, navios mercantes ou auxiliares que poderiam ser rapidamente convertidos em porta-aviões. Destaca-se entre eles o Zuiho e o

¹¹ Especialmente a Batalha do Mar do Sul da China, que consistiu na derrota da Força Z britânica, composta por navios de primeira linha, pela aviação naval japonesa baseada em terra. Sendo que nesse caso não ocorreu um ataque preemptivo, as forças britânicas foram derrotadas em combate.



SEMINÁRIOS DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS 2016
I Seminário de Estudos Estratégicos do Comando Militar do Sul
III Seminário Brasileiro de Estudos Estratégicos Internacionais
IV Seminário Casas de União
18, 19, 20 e 21 de outubro
Porto Alegre/RS, Brasil

Shoho, que tinham aproximadamente 12.000 toneladas e podiam transportar cerca de 30 aviões (COMBINED FLEET, online; STILLE, 2005, p. 21).

Deste modo, Na época de Pearl Harbor, Japão tinha 10 porta-aviões, em cinco divisões: a 1ª Divisão era composta pelo Akagi e Kaga; a 2ª pelo Soryu e pelo Hiryu; a 3ª pelo Zuiho e pelo Hoshio; a 4ª pelo Ryujo e pelo Taiho e 5ª pelo Shokaku e pelo Zuikaku. Destes, apenas os maiores, da 1ª, 2ª e 5ª divisões, foram utilizados. Os demais, como o Ryujo, participaram na cobertura de operações em terra no Sudeste Asiático.

Até o começo da guerra no Pacífico, todos estes porta-aviões, tiveram suas munições contra vasos de superfície reduzidas ou retiradas e substituídas por armas antiaéreas, como o a Tipo 89 e a arma de 25mm. Esse processo refletia a noção que se consolidava de que os aviões embarcados eram a melhor arma contra os vasos de superfície (EVANS & PEATTIE, 1997, p. 315) e que os aviões inimigos mostravam-se um risco aos porta-aviões.

Houve várias melhorias na estabilidade e na utilização dos porta-aviões que permitiram a construção e reconstrução de grandes porta-aviões como o Akagi e o Kaga, o Shokaku e o Zuikaku. Graças a disponibilidade dessas belonaves que o ataque a Pearl Harbor foi levado adiante (EVANS & PEATTIE, 1997, p. 319).

A Marinha Japonesa constatou, durante os anos 1930, que os porta-aviões seriam muito vulneráveis. Com a baixa qualidade do rádio e sem radar era praticamente impossível organizar uma defesa de caças apropriada para os porta-aviões (EVANS e PEATTIE, 1997, p. 347). Os porta-aviões japoneses só viriam a ter radares, após a batalha de Midway (STILLE, 2005, p. 9). O design dos porta-aviões japoneses levava menos em consideração as questões defensivas e mesmo de segurança. Isso pode ser medido pela falta de blindagem nas pistas e nos hangares, na inadequação do armazenamento de combustíveis e nos dispositivos anti-incêndio, que tornavam ainda perigoso qualquer ataque inimigo.

Esta configuração de sistemas e doutrina se deu principalmente por dois motivos, o primeiro o objetivo primordial do Japão na guerra era a conquista da China e a consolidação de seu Império na forma da Esfera de Co-prosperidade da Grande Ásia Oriental. Esta requisição se materializava na necessidade de garantir um perímetro defensivo no Pacífico e no Índico e proteger as linhas de suprimento entre o arquipélago japonês, suas reservas de matérias-primas e o principal teatro de batalha no continente chinês. O segundo, é a



SEMINÁRIOS DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS 2016
I Seminário de Estudos Estratégicos do Comando Militar do Sul
III Seminário Brasileiro de Estudos Estratégicos Internacionais
IV Seminário Casas de União
18, 18, 20 e 21 de outubro
Porto Alegre/RS, Brasil

experiência de guerra do Japão ao longo da década de 1930, na Manchúria a partir de 1931, Shanghai em 1932 e na guerra aberta contra a China Nacionalista a partir de 1937.

Dessa forma, toda experiência, doutrina e sistemas japoneses foram desenvolvidos principalmente para combater o inimigo chinês. Como destaca o Capitão de Mar e Guerra Wayne Hughes:

A guerra que uma marinha supõe que vá ocorrer orienta sua estrutura, limita e configura sua doutrina. Se tivermos formado e adestrado uma força contra o inimigo errado e para a cena de ação errada, pouco poderemos fazer para ajustar os equipamentos e a doutrina no início da guerra (HUGHES, 2000, p. 248).

Para Hughes doutrina é algo que se constrói no período de paz conforme um inimigo específico que condiga com os objetivos do Estado (HUGHES, 2000, p. 248). Assim, a decisão de buscar uma batalha decisiva contra a marinha estadunidense sem levar em consideração a doutrina já estabelecida pela Marinha Imperial japonesa se demonstraria desastrosa. Pois, ainda segundo Hughes (2000, p.249), a possibilidade de uma vitória resultaria da combinação entre a preparação em tempo de paz, uma experiência em tempo de guerra e os planos táticos do comandante, Yamamoto em Midway acabaria por desconsiderar os dois primeiros elementos.

DECORRÊNCIAS ESTRATÉGICAS E OPERACIONAIS DAS BATALHAS DE PEARL HARBOR E MIDWAY

O sucesso da operação de Pearl Harbor fez com que Yamamoto advogasse uma completa mudança doutrinária nos planos de guerra da Marinha japonesa, desconsiderando as experiências bem sucedidas na China e das batalhas navais do sudeste asiático. Atsushi Oi (apud GOLDSTEIN; DILLON, 2004, p. 4) destacou que os planos de guerra japoneses desde o começo do século XX colocavam grande ênfase em dois pontos: 1) negar o uso da baía de Manila aos Estados Unidos e; 2) atrair a frota estadunidense do Pacífico para um combate decisivo. Para atingir estes objetivos, os japoneses consideravam ataque e ocupação das Filipinas, na qual a cooperação entre Marinha e Exército era parte fundamental dos planos (OI apud GOLDSTEIN; DILLON, 2004, p. 17). O raciocínio era de que mesmo que os Estados



SEMINÁRIOS DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS 2016
I Seminário de Estudos Estratégicos do Comando Militar do Sul
III Seminário Brasileiro de Estudos Estratégicos Internacionais
IV Seminário Casas de União
18, 18, 20 e 21 de outubro
Porto Alegre/RS, Brasil

Unidos respondessem a um ataque às Filipinas, o que era esperado, os japoneses deveriam estar preparados para conter o contra-ataque americano.

Contrariando todo esse planejamento, já em 1940, o almirante Yamamoto Isoroku passou a formular a Operação Z (BARKER, 1973, p. 22). Yamamoto era contrário a um conflito contra os EUA. Após o período que passou naquele país, acreditava que uma vitória contra Washington em uma guerra tradicional era praticamente impossível, especialmente por sua capacidade industrial, à qual certamente Tóquio não poderia fazer frente.

Após o embargo de petróleo realizado pelos estadunidenses, havia consenso dentro da Marinha de que o Japão deveria invadir o Sudeste Asiático para obter os suprimentos de recursos naturais de que necessitava. No entanto, havia uma séria discordância sobre o modo como isto seria feito. Nesse contexto, Fuchida e Okumiya (1967, p. 38) destacam a polarização entre o Estado-Maior Geral da Marinha e a Frota Combinada.

O Estado-Maior Geral da Marinha, comandado pelo almirante Nagano Osami, defendia a manutenção da doutrina “antiga”, na qual, em caso de resposta estadunidense à ação no sudeste asiático, a Marinha japonesa interceptaria a dos EUA no Pacífico Ocidental. Já a Frota Combinada, e mais especificamente o seu comandante, o almirante Yamamoto Isoroku, defendiam uma mudança doutrinária, uma vez que, em sua visão, as forças estadunidenses poderiam ter a capacidade de responder antes que os japoneses pudessem se defender (FUCHIDA; OKUMIYA, 1967, p. 38–39).

Quando apresentado ao Estado-Maior Geral, entretanto, ele foi tachado de “jogo de azar”. Era, de fato, uma grande aposta. Consideravam os japoneses que era necessária total surpresa para o sucesso do ataque. Para grande parte da Marinha, de pensamento ortodoxo, os recursos japoneses deveriam ser concentrados nos ataques ao Sudeste Asiático. Nagano chegara a afirmar: “Por que aticar os Estados Unidos? [...] Concentremo-nos em tomar Java e em garantir nossos suprimentos de petróleo. [...] Quando a frota americana do Pacífico chegar às nossas águas territoriais, então sim, nós a aniquilaremos.” (BARKER, 1973, p. 41–42).

Entretanto, o Japão deparou-se com um impasse estratégico após cumprirem-se os objetivos iniciais da Marinha, i.e. a conquista da zona de recursos sul, vitais para a continuidade do esforço de guerra contra a China e o fechamento da linha de suprimentos chinesa na Birmânia: manter-se na ofensiva ou consolidar as posições adquiridas. Nesse



SEMINÁRIOS DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS 2016
I Seminário de Estudos Estratégicos do Comando Militar do Sul
III Seminário Brasileiro de Estudos Estratégicos Internacionais
IV Seminário Casas de União
18, 19, 20 e 21 de outubro
Porto Alegre/RS, Brasil

momento, quatro principais linhas de abordagem surgiram: (a) desembarque no Ceilão em preparação de uma invasão à Índia em apoio aos nacionalistas, visando a encontrar-se com as forças do eixo no Oriente Médio; (b) desembarque na Austrália, ocupando a principal base aliada na região e futura plataforma para a reconquista do Pacífico; (c) cortar as linhas de suprimento australianas atacando as ilhas do sul do pacífico, começando pela Nova Caledônia; (d) manter-se na defensiva, reorganizar as tropas, consolidar o perímetro conquistado e estabilizar a produção; (e) confronto decisivo com a frota estadunidense no Pacífico Central (ADAMS, 2007, p. 103–107; BARKER, 1976, p. 19–23, 27).

Os planos a e b foram abandonados em última instância por falta de apoio do exército, pois requeriam um grande número de tropas. Entretanto, consistiam nas operações ofensivas que mais se adequavam aos objetivos estratégicos japoneses. O primeiro expulsaria definitivamente as potências ocidentais do continente asiático e, se executado de forma coadunada com ações diplomáticas e políticas, possuía um potencial de não exigir um custo tão elevado em tropas, haja vista a aliança que os japoneses possuíam com os nacionalistas indianos liderados por Chandra Bose.¹² O segundo encontrava apoio na doutrina original da marinha e permitia cortar uma das linhas de abordagem Aliadas para a Ásia, além de ser a principal retaguarda estadunidense, local que permitiu fabricação de navios, equipamentos e suprimentos para as forças dos EUA. Além disso, a Austrália era uma chave estratégica para a manutenção do continente asiático, pois, com a sua posse, combinada com as ilhas do sudeste asiático, o Japão possuiria o controle de todas as SLOCs da região e do tráfego entre os Oceanos Índico e Pacífico, inviabilizando futuras operações aliadas na região e o seu apoio aos chineses. Não bastasse isto, o Japão passaria a obter uma retaguarda em profundidade com potencial industrial e fornecimento de gêneros alimentícios. Já o plano “d” foi recusado devido ao seu caráter defensivo e, após o sucesso inicial das operações de 1941–1942, a ofensiva era favorecida.

Dessa forma, a disputa ficou entre os planos c e e. A proposta c consistia em uma abordagem de compromisso, pois visava a cercar a Austrália e suas linhas de suprimento,

¹² Em dezembro de 1941, criou-se o Exército Nacional Indiano com o apoio do Japão, do qual Chandra Bose foi o primeiro comandante; esse exército lutou junto a forças japonesas na Birmânia e na Índia, em Imphal e Kohima (LEBRA, 2008, p. xiv–xv).



SEMINÁRIOS DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS 2016
I Seminário de Estudos Estratégicos do Comando Militar do Sul
III Seminário Brasileiro de Estudos Estratégicos Internacionais
IV Seminário Casas de União
18, 19, 20 e 21 de outubro
Porto Alegre/RS, Brasil

permitindo um futuro desembarque, além de garantir as reservas estratégicas de níquel da Nova Caledônia.¹³ O plano e, o plano adotado e que se tornaria a operação Midway, foi concebido pelo Estado-Maior do Almirante Yamamoto. Esse plano preconizava uma operação no Pacífico Central que precipitaria uma batalha decisiva contra a frota estadunidense. A justificativa para esse plano baseava-se em quatro pontos: (1) era necessária uma batalha decisiva, pois os EUA possuíam maior economia e era necessário trazê-los para a mesa de negociações; (2) se a Alemanha conquistasse o Reino Unido, a esquadra britânica poderia se juntar à estadunidense, aumentando a pressão contra o Japão; (3) a possível tomada do Havaí e o fim da esquadra do Pacífico seria um golpe extremamente prejudicial aos EUA; (4) as chances de uma ação naval decisiva próxima ao Havaí parecia possuir altas chances de sucesso, visto que a MIJ possuía superioridade de três para um em porta-aviões e uma superioridade esmagadora em couraçados (BARKER, 1976, p. 21–22). A Operação Midway consistiria em um ataque conjunto às Aleutas e a Midway como forma de atrair os porta-aviões dos EUA para uma batalha decisiva e preparar a tomada do Havaí.

Apesar do objetivo principal de uma marinha ser, em tese, a destruição da força inimiga em uma batalha decisiva, esta batalha está ligada à objetivos em terra, ou seja, à conquista de território por parte do agressor, ou à proteção de linhas de comunicação marítimas no caso do defensor (HUGHES, 2000, p.250). Após o sucesso das campanhas de dezembro de 1941 o Japão tinha de forma bem-sucedida de criar o seu perímetro defensivo no Pacífico e no Índico, garantindo recursos e protegendo sua linha de suprimentos para o esforço de guerra na China. Nesse caso, o Japão havia passado da posição de agressor para defensor. O natural, ou mais seguro para o Japão seria buscar a batalha decisiva em uma posição de vantagem ou como parte da consecução de seus objetivos em terra. O planejamento para a batalha de Midway não reunia estas características, possuía sistemas

¹³ O níquel era um metal essencial para a guerra anfíbia, tal como a do Pacífico, pois ligas de níquel são capazes de suportar os efeitos corrosivos da água do mar e da maresia. Praticamente todas as belonaves da época possuíam componentes feitos com o metal, bem como tanques e artilharia antiaérea. A Nova Caledônia era uma das principais reservas do metal no mundo no início do século XX com cerca de 20% do total (ROTTMAN, 2002, p. 69). Metade do níquel extraído da ilha era exportado para o Japão antes do início da guerra (BIRD; DUBOIS; ILTIS, 1984, online). Quanto esta iniciou, a população local rejeitou o governo da França de Vichy e deportou seus líderes — os quais queriam manter o comércio de metais com o Japão — para a Indochina Francesa ainda em 1940 (ROTTMAN, 2002, p. 70).



SEMINÁRIOS DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS 2016
I Seminário de Estudos Estratégicos do Comando Militar do Sul
III Seminário Brasileiro de Estudos Estratégicos Internacionais
IV Seminário Casas de União
18, 19, 20 e 21 de outubro
Porto Alegre/RS, Brasil

inadequados para a missão e diferia radicalmente da doutrina já estabelecida na marinha do Japão. Em última instância se poderia considerar o confronto em Midway inútil. Ainda segundo o CMG Wayne Hughes sobre uma batalha decisiva em alto mar:

Em tese, sabemos que o propósito primordial de uma força naval é a destruição da força naval inimiga numa batalha decisiva. A razão disto é explicada pela premissa básica da estratégia naval: a destruição força naval abre todas as portas. Na prática, raramente ocorre uma grande batalha em disputa do domínio do mar, a menos que os dois lados decidam lutar. O que Clausewitz disse sobre a guerra aplica-se aqui à batalha naval decisiva: a decisão de uma guerra não provém do agressor, mas sim da defesa, uma vez que o propósito final do agressor não é combater, mas sim obter a posse. A história naval está repleta de exemplos em que um dos lados decidiu evitar a batalha decisiva, o que ajuda a explicar porque têm havido tão poucas batalhas no mar (HUGHES, 2000, p.250).

Entretanto, devido ao respaldo que Yamamoto recebeu após o sucesso de Pearl Harbor e o Ataque de Doolittle¹⁴, o qual demonstrou que as ilhas metropolitanas podiam ser atingidas, o Quartel General Imperial optou pela operação Midway. Isso porque ela parecia conjugar tanto a escola da batalha decisiva, quanto o sucesso da aviação naval.

A batalha de Midway foi uma derrota retumbante para a Marinha japonesa. Para o Japão a principal consequência da derrota em Midway foi a perda de duas divisões inteiras de porta-aviões (PARSHALL; TULLY, 2006). Segundo Jonathan Parshall e Anthony Tully (2006), o próprio conceito de potência no Pacífico era definido pelo número de porta-aviões que o país detinha. As divisões de porta-aviões japonesas, segundo sua doutrina, eram um mecanismo integrado de sistemas. Porém, não eram apenas um dado número de sistemas (aeronaves, homens, torpedos, bombas, embarcações), mas uma divisão complexa desses, com anos de treinamento conjunto. O sistema militar japonês não podia replicar facilmente um arranjo desse tipo. Apesar de, pelo menos até o ano de 1944, aviões serem produzidos em número suficiente para substituir os abatidos e de haver homens suficientes para desempenhar todas as funções, não havia como repor eficientemente uma divisão inteira.

Ainda assim, os componentes perdidos de maior valor em Midway foram certamente os próprios porta-aviões. A economia japonesa não podia suportar repor a perda de quatro em

¹⁴ O Ataque de Doolittle foi um bombardeio aéreo contra Tóquio realizado pelos Estados Unidos em retaliação a Pearl Harbor, planejado pelo Tenente Coronel James Doolittle. Esse foi o primeiro ataque aéreo sofrido pelo Japão em suas ilhas centrais.



SEMINÁRIOS DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS 2016
I Seminário de Estudos Estratégicos do Comando Militar do Sul
III Seminário Brasileiro de Estudos Estratégicos Internacionais
IV Seminário Casas de União
18, 18, 20 e 21 de outubro
Porto Alegre/RS, Brasil

apenas um dia. Em meados de 1943, Washington produzia em média um porta-aviões por mês, enquanto Tóquio mal conseguiu colocar mais quatro em serviço até o último ano da guerra. Os japoneses e estadunidenses começaram a guerra com virtualmente o mesmo número de porta-aviões: o Japão possuía seis, os EUA cinco; porém os porta-aviões destes eram maiores, carregando um grupo de combate mais poderoso. Em Midway, os estadunidenses já contavam com dois a menos, enquanto que o Japão tinha nominalmente o mesmo número. Depois de Midway, aos EUA ainda restavam três, enquanto o Japão ficara com dois. Desse modo, pode-se entender que a batalha de Midway foi importante para a marinha estadunidense, pois restaurou a paridade nominal em porta-aviões.

Não apenas em relação aos EUA o Japão ficou enfraquecido, mas também no que toca à sua própria formulação doutrinária. Como visto, o principal veículo da *kido butai* era a Frota Combinada, que se utilizava de vários porta-aviões ao mesmo tempo para executar suas missões (quatro em Midway). Portanto, mesmo a doutrina japonesa foi parcialmente afetada pelas perdas: a Frota Combinada não poderia ser empregada de modo satisfatório com apenas dois porta-aviões de monta. Esse foi o grande impacto da derrota japonesa. As operações ofensivas continuariam, mas agora seria mais difícil alcançar a vitória.

A campanha que seria decisiva para provocar a derrota final japonesa seria Guadalcanal. Ali sim o Japão sofreria uma derrota expressiva, não apenas naval, mas também terrestre. A partir desse momento sentiu-se o impacto da perda dos porta-aviões, pois nesse teatro as operações aeronavais duraram aproximadamente seis meses. Portanto, a falta de apoio aéreo proporcionado pelos porta-aviões foi decisiva, visto que as forças japonesas contavam com apenas um aeródromo na região, enquanto que os estadunidenses tinham seus porta-aviões operando como bases móveis. Assim, argumenta-se que Guadalcanal foi o embate decisivo no Pacífico, pois, enquanto que Midway barrou a expansão japonesa rumo ao leste, Guadalcanal marcou o início da retirada japonesa dos territórios ocupados. A posse do atol de Midway poderia ter um valor estratégico duvidoso para o Japão, mas a derrota em Guadalcanal impediu a interrupção das linhas de comunicação entre a Austrália e os EUA. A vitória nas Ilhas Salomão — das quais Guadalcanal faz parte — possibilitou um trampolim para que os EUA lançassem ataques visando a retomar aquela região do Pacífico Sudoeste. A campanha também teve um efeito psicológico, sendo a primeira vez que as forças de



SEMINÁRIOS DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS 2016
I Seminário de Estudos Estratégicos do Comando Militar do Sul
III Seminário Brasileiro de Estudos Estratégicos Internacionais
IV Seminário Casas de União
18, 18, 20 e 21 de outubro
Porto Alegre/RS, Brasil

ocupação japonesas foram derrotadas, bem como o primeiro desembarque estadunidense em toda a guerra. Depois de Guadalcanal, a guerra que se movia para o sul, em direção a Fiji, Nova Caledônia e Austrália, passou a dirigir-se para o norte, em direção ao território metropolitano do Japão até comprometer as linhas de comunicação entre o arquipélago japonês e o continente chinês inviabilizando o esforço de guerra principal de Tóquio (LECKIE, 1970).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Além disso, tanto o ataque a Pearl Harbor, quanto a Midway foram contraproducentes. O primeiro por ter gerado desdobramento políticos extremamente adversos a título de atingir alvos de valor estratégico duvidoso.¹⁵ O ataque surpresa a território estadunidense, eternizado pelo Presidente Roosevelt como o “Dia da Infâmia”, surgiu como o pretexto necessário para a mobilização total da economia estadunidense para a guerra. Uma guerra que até então não possuía apoio da opinião pública. Tendo o Japão atacado apenas a possessão colonial das Filipinas, teriam os EUA o mesmo ímpeto pela busca de uma rendição incondicional japonesa ou mesmo por justificar a sua mobilização total para a guerra? Vendo por este mesmo ângulo, a própria ocupação das Filipinas seria necessária? Sim, o arquipélago possuía grande valor estratégico para o controle das rotas marítimas da região, mas, se não fossem agredidos, os EUA teriam condições naquele momento de justificar uma guerra contra o Império do Japão? Essa opção privilegiou uma ideia de decisão da guerra através de uma batalha decisiva, tendo em mente apenas requisitos militares exclusivos da Marinha, desassociados completamente da realidade política do Sistema Internacional. Mesmo argumentando-se que os planos de guerra japoneses já consideravam uma guerra contra os EUA desde a década de 1920, eles eram apenas isto, planos de guerra, contingentes à política formulada pelo governo eleito. Não só isto, ao longo da década de 1930 a doutrina e o comissionamento de sistemas se voltou ao objetivo principal do Império japonês, a vitória na China.

¹⁵ Conforme Barker (1973, p. 158), no ataque a Pearl Harbor, apenas 18 navios dos EUA foram afundados ou seriamente avariados de um total de 96. Desses 18, oito de um total de nove couraçados, sendo que seis foram recuperados posteriormente. Três cruzadores também foram recuperados e quatro destróieres foram atingidos, mas dois foram recuperados. Não se atingiu nenhum porta-aviões.



SEMINÁRIOS DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS 2016
I Seminário de Estudos Estratégicos do Comando Militar do Sul
III Seminário Brasileiro de Estudos Estratégicos Internacionais
IV Seminário Casas de União
18, 19, 20 e 21 de outubro
Porto Alegre/RS, Brasil

No instante em que tanto a política externa quanto a condução da guerra passou-se a se dar exclusivamente dentro dos meios militares, perdeu-se a perspectiva estratégica da guerra, que tinha como objetivos principais naquele instante a vitória da guerra na China o mais rápido possível. A economia e a sociedade japonesa já estavam desgastadas por uma guerra total desde 1937 e era improvável que uma nova guerra contra a maior potência do Sistema Internacional melhorasse a posição do país.

Já com relação a Midway, o seu valor é ainda mais discutível, pois, como abordado, a opção por esse plano de ação não correspondia com nenhum dos objetivos estratégicos principais da guerra. Em realidade, Midway dizia mais respeito à disputa entre Exército e Marinha¹⁶ e até mesmo à disputa interna da Marinha. O resultado de Midway serviu apenas para desgastar ainda mais rapidamente o esforço de guerra japonês. A já desgastada indústria japonesa não conseguiria repor as perdas, sem falar na dificuldade de repor os próprios recursos humanos, visto que os pilotos e tripulantes japoneses eram recrutados de forma elitista e passavam por intensos programas de treinamento (EVANS; PEATTIE, 1997, p. 325–326). Ainda mais ingênuo é acreditar que mesmo uma vitória em Midway teria favorecido os objetivos japoneses na guerra. Os EUA provavelmente após a derrota teriam mais motivos para construir 26 porta-aviões em 36 meses (ADAMS, 2008, p. 24).¹⁷

Em suma, no que tange a Marinha, as opções japonesas são resultantes de uma visão mahaniana da guerra.¹⁸ A concepção de que a guerra seria definida por uma batalha decisiva entre as frotas adversárias, visando a sua coluna vertebral, à época de Mahan o couraçado, e que, a frota deve buscar por essa batalha decisiva, mantendo-se na ofensiva (ADAMS, 2008, p. 4, 6). Para atingirem-se esses objetivos, durante a guerra, a prioridade máxima de todo o planejamento e esforço nacional deveria ser dirigido à manutenção da frota e a execução de suas operações. Segundo Mahan, a execução de sua concepção da guerra naval estava acima da política civil, pois políticos, devido à necessidade de manter compromissos, provavelmente

¹⁶ Como afirmam Fuchida e Okumiya (1967, p. 29–30), a rivalidade Exército-Marinha, no Japão, tinha como um dos aspectos centrais a dicotomia entre preparar-se para uma guerra terrestre contra a União Soviética ou preparar-se para uma guerra naval contra os Estados Unidos.

¹⁷ Enquanto isso, o Japão produziu apenas três porta-aviões (ADAMS, 2008, p. 23).

¹⁸ Alfred Thayer Mahan (1840–1914) foi um oficial da marinha dos Estados Unidos apoiador da criação da Naval War College, onde lecionou, e um dos principais teóricos da guerra naval, geoestratégia e poder naval.



SEMINÁRIOS DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS 2016
I Seminário de Estudos Estratégicos do Comando Militar do Sul
III Seminário Brasileiro de Estudos Estratégicos Internacionais
IV Seminário Casas de União
18, 19, 20 e 21 de outubro
Porto Alegre/RS, Brasil

não teriam condições de fazer o sacrifício necessário para investir todos os seus esforços nas prioridades da frota (ADAMS, 2008, p. 5).

Essa concepção da guerra a distância de sua finalidade política. Isso manifestou-se posteriormente na própria análise dos eventos da guerra ao longo das décadas. Para grande parte dos estudiosos da guerra naval, especificamente da Guerra do Pacífico, como David Evans (1997), Mark Peattie (2001), Jonathan Parshall (2005) e John Adams (2008) o objetivo principal do Japão era a derrota dos EUA. Esse viés obscurece a análise da tomada de decisão japonesa, os objetivos japoneses na guerra e os motivos de sua derrota.

Como procurou-se demonstrar neste artigo, através da análise de Wayne Hughes (2000), apesar de uma marinha buscar uma batalha decisiva contra o adversário, esta é uma situação ideal. A Marinha deve estar a serviço dos objetivos militares e estratégicos em terra. Deve possuir e seguir uma doutrina adequada a estes objetivos. E estes objetivos devem condizer com o interesse nacional.

Em suma, podemos considerar que a contribuição do Almirante Yamamoto Isoroku para a guerra foi a mesma do General Tojo Hideki. Ambos conduziram o seu país por uma guerra equivocada, em última instância desnecessária, devido a sua recusa de reconhecer os objetivos da Grande Estratégia de seu próprio país. Enquanto Tojo, que possuía conhecimento da China, tendo prestado boa parte de seu serviço na Manchúria, considerou que seria possível derrotar este país em poucos meses e que só poderia dar fim as hostilidades após uma vitória total, Yamamoto, que igualmente possuía um amplo conhecimento dos EUA, acreditava que o único modo de vencer a guerra seria derrotando a maior potência econômica e militar do Sistema Internacional. Ambos conduziram o seu país e suas respectivas forças como que em uma aposta, sendo que quem pagou o último preço por sua derrota e seus erros e ambições foram os povos de toda a Ásia.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, John A. **If Mahan Ran The Great Pacific War**. Bloomington: Indiana University Press, 2008.
BARKER, A. J. **Midway**: Holocausto nipônico. Rio de Janeiro: Rennes, 1976.
BARKER, A. J. **Pearl Harbor**. Rio de Janeiro: Rennes, 1973.
BELL, P. M. H. **Twelve Turning Points of the Second World War**. New Haven, EUA: Yale University Press, 2011.



SEMINÁRIOS DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS 2016
I Seminário de Estudos Estratégicos do Comando Militar do Sul
III Seminário Brasileiro de Estudos Estratégicos Internacionais
IV Seminário Casas de União
18, 18, 20 e 21 de outubro
Porto Alegre/RS, Brasil

- BIRD, Eric C. F.; DUBOIS, Jean-Paul; ILTIS, Jacques A. **The Impacts of Opencast Mining on the Rivers and Coasts of New Caledonia**. Tóquio: United Nations University Press, 1984. Disponível em: <<http://archive.unu.edu/unupress/unupbooks/80505e/80505E00.htm>>. Acesso: 17 jun. 2015.
- DAVID, Saul. **War: From Ancient Egypt to Iraq**. London: Dorling Kingsley, 2009.
- EVANS, David; PEATTIE, Mark. **Kaigun: Strategy, Tactics and Technology in the Imperial Japanese Navy 1887–1941**. Annapolis: Naval Institute Press, 2012.
- FRANCILLON, R. J. **Japanese Aircraft of the Pacific War**. Londres: Putnam & Company, 1970.
- FUCHIDA, Mitsuo; OKUMIYA, Masatake. **Midway**. São Paulo: Livraria Editora Flamboyant, 1967.
- HOTTA, Eri. **Pan-Asianism and Japan's War 1931–1945**. New York: Palgrave Macmillan, 2007. (Palgrave Macmillan transnational history series).
- HUGHES, W. P. **Fleet Tactics and Coastal Combat**. Tradução: DO VALLE, Luiz Carlos Nascimento e Silva. Annapolis: Naval Institute Press, 2000.
- KERSHAW, Ian. **Dez Decisões que Mudaram o Mundo: 1940–1941**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- KOENIG, William J. **Ponte Aérea para a China**. Rio de Janeiro: Renes, 1977.
- KRIEG, E. **Mao Tsé-Tung: O imperador vermelho de Pequim**. Rio de Janeiro: Otto Pierre Editores, [s.d.].
- LEBRA, Joyce Chapman. **The Indian National Army and Japan**. Singapore: Institute of Southeast Asian Studies, 2008.
- LECKIE, Robert. **Desafio no Pacífico**. Porto Alegre: Editora Globo, 1970.
- MAGNO, Bruno. **Segunda Guerra Sino-Japonesa: Gênese de um Modo Asiático de Fazer a Guerra?**. (TCC) Faculdade de Ciências Econômicas. Curso de Relações Internacionais. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015.
- OI, Atsushi. The Japanese Navy in 1941. In: GOLDSTEIN, Donald M.; DILLON, Katherine V. **The Pacific War Papers: Japanese Documents of World War II**. Virginia, EUA: Potomac Books, 2004. p. 4–31.
- PAINE, S. M. C. **The Wars For Asia, 1911–1949**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.
- PARSHALL, Jonathan; TULLY, Anthony. **Shattered Sword: The Untold History of the Battle of Midway**. Dulles: Potomac Books, 2005.
- PEATTIE, Mark R. **Sunburst: The Rise of Japanese Naval Air Power, 1909–1941**. Annapolis: Naval Institute Press, 2001.
- RECORD, Jeffrey. **Japan's Decision for War in 1941: Some enduring lessons**. Carlisle, EUA: Strategic Studies Institute, 2009.
- REIS, João Arthur da Silva; PEZZI, Júlia; MAGNO, Bruno. A “Perda” da China: Os Erros Estratégicos Estadunidenses. In: EERRI. **Anuário do Encontro Estudantil Regional de Relações Internacionais**, Santana do Livramento, v. 1, n. 1, p. 111–136, 2012.
- ROBERTS, J. A. G. **História da China**. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2012.
- ROTTMAN, Gordon L. **Japanese Army in World War II: Conquest of the Pacific 1941–42**. Oxford: Osprey Publishing, 2005. (Battle Orders).
- ROTTMAN, Gordon L. **World War II Pacific island guide: a geo-military study**. Foreword by Benis M. Frank. Westport: Greenwood Press, 2002.
- SAALER, Sven. Pan-Asianism in modern Japanese history: overcoming the nation, creating a region, forging an empire. In: SAALER, Sven (Ed.); KOSCHMANN, J. Victor (Ed.). **Pan-Asianism in Modern Japanese History: colonialism, regionalism and borders**. London: Routledge, 2007. p. 1–18.
- SCHULZINGER, Robert. **American diplomacy in the twentieth century**. New York: Oxford University Press, 1990.
- VISENTINI, Paulo G. F. **História do Século XX**. Porto Alegre: Novo Século, 1998.
- WILSON, Dick. **When Tigers Fight: The story of Sino-Japanese war, 1937–1945**. Nova Iorque: Penguin Books, 1982.